

Sr. Presidente da Assembleia Municipal da Moita,
Sr. Presidente da Câmara Municipal,
Sr.ªs e Srs. membros da Assembleia Municipal e demais autarcas presentes
Sr.ª.s e Srs. Convidados,

A Revolução de Abril é uma grande realização histórica do povo português, um acto de emancipação social e nacional, constituiu um dos mais importantes acontecimentos da história de Portugal.

Desencadeada pelo heróico levantamento militar do Movimento das Forças Armadas, logo seguido por um levantamento popular, transformou profundamente a realidade nacional e teve importantes repercussões internacionais.

É justa a homenagem simples que daqui prestamos aos “Capitães de Abril”, que na histórica madrugada de 25 de Abril de 1974, derrubaram a ditadura fascista que oprimia e sacrificava o povo, condenando Portugal ao mais gritante atraso e subdesenvolvimentos económico e social.

O fascismo conduziu à morte e estropiou milhares de jovens numa criminoso guerra colonial, impôs intoleráveis condições de vida e de trabalho ao povo, obrigou à emigração milhões de portugueses, reprimiu as mais elementares liberdades. A tudo isto puseram termo, os militares de Abril que estiveram com o povo português na conquista dos direitos fundamentais para uma vida livre e digna.

Homenageamos também, todos os que resistindo com coragem e sacrifício a todas as formas de repressão, arriscando a prisão e a vida durante a longa noite fascista, em nome da liberdade, lançaram a semente da qual brotaram os cravos que a 25 de Abril floriram nas armas dos soldados. Não esquecemos assim os muitos lutadores antifascistas do nosso concelho.

Saudamos e homenageamos o povo português e em particular o povo do Concelho da Moita, que desde logo abraçou com entusiasmo os ideias da revolução de Abril. O povo, que uma vez abertas as portas da liberdade, saiu à rua, inundou praças, tomou nas mãos o seu destino e, num forte e fraterno abraço com as forças armadas, deu forma e conteúdo ao vitorioso golpe militar dos valorosos “Capitães de Abril”.

Com alegria e confiança, sobretudo com uma enorme esperança e vontade de mudar, de transformar Portugal num país melhor, o povo pôs em marcha a Revolução, deu combate firme aos golpes e à sabotagem política e económica contra a democracia, nacionalizou monopólios, fez a reforma agrária, construiu o poder local democrático, assumiu a liberdade em toda a sua plenitude.

A Revolução ficou inacabada, mas ainda assim foi uma Revolução nos direitos, liberdades e garantias, na economia, nas relações sociais, na educação, na cultura e nas mentalidades, na afirmação da soberania e independência nacionais, na libertação dos povos colonizados e pela paz, amizade e cooperação com todos os povos do mundo.

Revolução que deixou a sua marca na Constituição da República Portuguesa à qual todos os Órgãos de Soberania estão vinculados, mas nem sempre empenhados no seu pleno cumprimento, como é o seu dever.

Portugal vive hoje um dos mais graves e dolorosos períodos da sua história. Seguramente, o mais difícil desde o fim dos tempos obscuros do fascismo. Um período de afrontoso conflito com o que Abril representou de conquista, transformação, realização e avanço, de total confronto com as alegrias e esperanças que as portas de Abril abriram ao povo português.

Portugal vive uma grave e profunda crise económica e social. O País está sob uma inaceitável intervenção externa que agride a sua soberania e põe em causa a independência nacional. Um Pacto de Agressão negociado e subscrito, num verdadeiro acto de abdicação e submissão nacional, por PS, PSD, e CDS, com a cumplicidade do Presidente da República e o apoio do grande capital que, dirigido para a exploração dos trabalhadores e a degradação de direitos, fere liberdades do povo português, empobrece o País, empurra para o desemprego e a emigração milhares de portugueses, subverte a Constituição da República e põe em causa o futuro dos portugueses.

A crise que vivemos é inseparável da crise estrutural do capitalismo ao nível mundial, agravada nas contradições e conflitos resultantes da integração capitalista europeia, e particularmente da crise aguda da União Económica e Monetária e do Euro. A crise nacional é determinada fundamentalmente, na sua dimensão e violência, pelas consequências das políticas de direita levadas a cabo ao longo de mais de 37 anos. Uma verdadeira contra-revolução desencadeada no plano institucional por sucessivos governos com as mesmas políticas de direita.

Políticas de privatizações e de intensificação da exploração, de destruição dos direitos laborais e sociais conquistados de Abril – o Serviço Nacional de Saúde, a Escola Pública, um abrangente e universal Serviço Público de Segurança Social, que desencadeiam um feroz ataque ao poder local democrático – e que geram mais fome e miséria.

Crise agravada pelas consequências da aplicação do Pacto de Agressão pelo Governo PSD/CDS, com o apoio expresso do Presidente da República, e com a benevolência do PS. Crise que será agravada se o país não renegociar a dívida e se mantiver amarrado a novos mecanismos, como um segundo resgate, programa cautelar, ou outro.

Nos 40 anos de Abril, os principais responsáveis políticos pela crise que brutalmente atinge a generalidade dos portugueses – mas particularmente os trabalhadores, os reformados, os jovens, as mulheres, os pequenos empresários, em confronto com o despudorado enriquecimento dos mesmos de sempre – negam com hipocrisia, mentira e falsificação da história o que Abril foi e significou.

Tentam responsabilizar Abril e as suas conquistas, o regime democrático, as conquistas sociais construídas, os direitos e garantias dos trabalhadores, as empresas nacionalizadas e públicas, pela situação nacional que eles próprios criaram com as suas políticas de direita.

Continuam a acenar com uma demagógica salvação vinda de uma União Europeia dita connosco e solidária, mas, de facto, determinada pelo federalismo, pelo neoliberalismo e pelo capital transnacional, visando a exploração e a opressão dos povos e países da Europa.

Mentem sobre a ditadura de Salazar e Caetano, sobre o fascismo e o colonialismo, sobre a luta dos antifascistas e patriotas, sobre o heróico combate dos comunistas, sobre a Revolução e os militares do MFA.

Procuram reescrever a história, branqueando o seu próprio papel e distorcendo o significado de Abril como acto e processo mais avançado da nossa época contemporânea, encetando um novo ataque à Constituição da República, visando a sua completa subversão e a do projecto emancipador, social e nacional, que ela consagra. Comemorar os 40 anos de Abril exige afirmar a verdade histórica, combater a mentira e desmascarar os inimigos e detractores de Abril.

As conquistas políticas, económicas, sociais e culturais de Abril representaram, e continuam a representar, importantes direitos e avanços, comecemos Abril lutando contra as políticas de regressão social e extorsão do Governo PSD/CDS, que visam aprofundar a exploração e roubar direitos.

Abril trouxe o fim da guerra colonial, a oposição à pilhagem do capital estrangeiro e a afirmação da soberania e independência nacionais, do direito inalienável do povo português decidir do seu destino, comemoramos Abril afirmando esse direito e lutando contra o Pacto de Agressão, pela paz e amizade entre todos os povos e nações, contra as agressões do imperialismo.

Abril deu-nos a liberdade, comecemos Abril lutando contra o obscurantismo, o populismo e os objectivos antidemocráticos dos que querem pôr em causa a democracia política de Abril, nomeadamente no Poder Local e o sistema eleitoral.

As comemorações dos 40 anos da Revolução de Abril e também as comemorações do 1º de Maio em liberdade, são um tempo e um momento de afirmar nas ruas e no País a indignação e recusa pelo que estão a fazer ao nosso país e ao seu futuro, um momento de resistência e luta contra esta ofensiva reaccionária, contra as forças que pretendem ajustar contas com Abril, agredindo a democracia, a liberdade e o desenvolvimento de Portugal.

São também um tempo e um momento para a convergência e unidade dos patriotas, das mulheres e dos homens de esquerda, dos trabalhadores e do povo, em defesa dos valores de Abril, em defesa da Constituição da República, de exigência de ruptura com a política de direita e de afirmação de uma política alternativa, patriótica e de esquerda.

Apelamos a todos, homens e mulheres, à juventude, aos democratas e patriotas, aos que consideram que a pátria não se vende, aos que repudiam a exploração e a opressão, aos que defendem valores solidários, fraternos e de esquerda, para que, pela sua coragem, a sua vontade, a sua voz e a sua luta, mantenham vivos os Valores de Abril para que estes se projectem, consolidem e desenvolvam no futuro de Portugal.

É tempo de retomar e cumprir Abril, é tempo de respeitar, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República e não de pensar na sua subversão.

Viva o 25 de Abril

Viva a Revolução de Abril

Viva Portugal